

Parque Farroupilha, a natureza na cidade: práticas de lazer e turismo cidadão

Park Farroupilha, the nature of the city: leisure practices and tourism citizen

Mariana Inocência Oliveira Melo

Mestre em Turismo pela Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil

E-mail: mariinocencio@gmail.com

Karina e Silva Dias

Professora Adjunta do Centro de Excelência em Turismo - CET da Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil

E-mail: karinadias.net@gmail.com

Artigo recebido em: 21-10-2013

Artigo aprovado em: 05-05-2014

RESUMO

Trata-se este artigo de uma pesquisa de cunho qualitativo que busca investigar as formas de apropriação estabelecidas no Parque Farroupilha pelas práticas de lazer e turismo cidadão. Os parques urbanos são representativos nas paisagens das cidades, pois permitem a socialização e a contemplação/fruição da presença da natureza no meio urbano, capazes de romper com o universo do cotidiano. Por conseguinte, a discussão do artigo tem o objetivo de apresentar o parque urbano como espaço que se transforma em lugar de natureza para aqueles que os frequentam e a (re)significação dessa experiência, mediante as práticas de lazer e turismo cidadão, transformando a relação do habitante com a cidade e com a vida que a anima.

Palavras-chave: Parque Urbano. Natureza. Lazer. Turismo Cidadão.

ABSTRACT

This is a qualitative research article that investigates established appropriation forms in Park Farroupilha of leisure practice and tourism citizen. The urban parks are representative at a city landscape, because allow a city socialization and contemplation/enjoyment the nature presence in urban way, able to break away from the everyday universe. However, the article discussion goal to present urban park as nature place for those who visit it and (re)signification of this experience through leisure practices and tourism citizen, transforming the habitant relationship with the city and the life that animates it.

Keywords: Urban Park. Nature. Leisure. Tourism Citizen.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata das práticas de lazer e turismo cidadão na cidade, representado pelo Parque Farroupilha, em Porto Alegre. O Parque Farroupilha é o mais antigo parque de Porto Alegre, cujo espaço, inicialmente, não era destinado à função de parque, modificando-se ao longo da história da cidade. No início do século XIX, em 1807, o governador, Paulo José da Silva Gama, doou a área do Parque para a população. Nessa época a área era periférica e alagadiça, assim era utilizada como potreiro para o gado. Em 1826, a área da várzea foi destinada para os exercícios militares. Nessa perspectiva, durante a Revolução Farroupilha, que se estendeu de 1835 a 1845, muitas lutas foram travadas nesse espaço. Em 1872, notou-se a utilização do Parque como local de recreação e entretenimento (Menegat, Porto, Carraro & Fernandes, 1998).

O Parque Farroupilha está localizado próximo ao centro da cidade, entre os bairros da Cidade Baixa e do Bom Fim, sendo contornado pelas avenidas João Pessoa, José Bonifácio, Osvaldo Aranha, Setembrina e Eng. Luiz Englert. A entrada para o Parque pode ser realizada por qualquer uma das avenidas, pois ele não é cercado. O eixo principal do parque parte de uma ponta, próxima ao Instituto de Educação, que forma uma curva entre a Av. Setembrina e Eng. Luiz Englert, e é composta por um espelho d'água ou piscina artificial. Na parte central tem-se a fonte luminosa, seguida de um extenso gramado; e, por último, o Monumento ao Expedicionário, que compõe a outra extremidade, localizada ao lado da Av. José Bonifácio.

Esse eixo principal causa grande perspectiva por meio de sua paisagem onipresente. A esse eixo principal, na parte central do parque, subordinam-se os eixos secundários (transversais), que despertam nos visitantes expectativas e curiosidades quanto ao cenário que irão encontrar. Cenário acompanhado de várias espécies vegetais agrupadas e extensos gramados levando a diversos atrativos, tais como: os cinco Recantos, Parquinho da Redenção, Estádio Ramiro Souto, Parque Infantil, Lago, Orquidário, Mercado do Bom Fim, Auditório Araújo Viana, Feira Brique da Redenção (aos domingos), espaço interno para caminhada, dentre outros.

Desse modo, o interesse em estudar as formas de apropriação no parque urbano se deu pelo fato de as cidades necessitarem de espaços de lazer que rompam com o universo do cotidiano. Esses espaços se constituem em fonte de equilíbrio, contribuindo para uma vida mais saudável aos moradores das *urbes*. Os parques urbanos promovem a socialização e a interação do homem com a natureza, por meio de atividades esportivas, artísticas, culturais,

educativas e contemplativas. A partir desta contextualização define-se o problema central de pesquisa a seguinte questão: de que forma as práticas sociais nos parques urbanos transformam a relação dos habitantes com a cidade?

Tendo introduzido o problema e brevemente descrito o parque, as próximas seções tratarão de delimitar o referencial teórico para o problema da pesquisa. O artigo está estruturado em 3 partes: 1 - Parques urbanos, espaços de natureza: relação com a cidade, - discorre sobre a caracterização dos parques urbanos e seu desenvolvimento, decorrente do crescimento das cidades. 2 - Socialização na cidade: práticas de lazer, - aduz sobre a socialização na cidade pelas práticas de lazer, por meio de uma revisão bibliográfica que analisa as práticas de lazer na vida cotidiana das *urbes*. 3 - A experiência da paisagem no cotidiano da cidade: o turismo cidadão, - parte da análise de reflexões sobre a ideia de experimentar e vivenciar as paisagens cotidianas à luz da compreensão das práticas do turismo cidadão.

2. PARQUES URBANOS, ESPAÇOS DE NATUREZA: RELAÇÃO COM A CIDADE

Neste tópico, será apresentada a definição de parque urbano e a importância dessas áreas para a cidade. No final do século XVIII, em decorrência da expansão urbana e a introdução do ritmo da cidade industrial, ocasiona-se o superpovoamento e poluição dos meios naturais. À medida que as cidades cresciam e a população demandava infraestrutura, aumentavam as queixas sobre alguns aspectos urbanos (trânsito, poluição atmosférica, mau cheiro, barulho, espaços de miséria, etc.) e diminuía os espaços com fragmentos de natureza disponíveis para a população, que foram substituídos por casas, ruas, comércios, dentre outros. Surgiram, dessa forma, na maioria das cidades europeias, os parques urbanos como resposta às questões sanitárias e estéticas das cidades (Howard, 1996).

Como diz Serpa (2007, p. 73), o parque deve cumprir todas as expectativas, “(...) dar novamente coerência ao tecido urbano, transformar a imagem dos bairros do entorno, embelezar a cidade, oferecer lugares de entretenimento e diversão à população etc. Todos os interesses – sociais, urbanísticos, estéticos – se superpõem.”

Nessa perspectiva, os parques urbanos transcendem o aspecto físico, pois promovem questões intrínsecas à sua presença, como a valorização do solo, pelo contato com a natureza e o caráter de espaço de socialização. Percebe-se, então, que os parques urbanos são como antídotos para os males urbanos: melhoram o clima, contrapondo-se à aridez provocada pelo

excesso de construções urbanas; diminuem a poluição do ar; enfim, permitem o contato com a natureza, dentre outros.

Os parques urbanos, por sua vez, valorizam o espaço circundante e são capazes de promover uma vida mais saudável aos cidadãos, advindos do estar ao livre e a facilidade de socialização com outros indivíduos – familiares, amigos, turistas e pessoas antes desconhecidas – por meio das práticas esportivas, culturais, educativas, artísticas e ambientais que permitem o rompimento com o universo do cotidiano, em razão da facilidade de socialização e da contemplação/fruição proporcionadas pela presença da natureza. Serpa (2007, p. 82) confirma esta assertiva: “[...] o parque público contribui para melhorar a qualidade da vida urbana e oferece aos habitantes das cidades espaços recreativos e de lazer ‘festivo’”.

Essas características enfatizam a ideia de que é essencial o planejamento reconhecer a importância dos parques urbanos nas cidades, em especial, quando se localizam espalhados pela *urbe*. Essa ideia pode ser corroborada pelo fato dos parques urbanos serem “[...] espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação” (Kliass, 1993, p. 19). Ressalta-se a importância dos cidadãos em usufruir desses espaços para os encontros cotidianos, tornando os parques urbanos representativos para o lazer, capazes de estabelecer relações interativas de emoções e afetos. Esse novo posicionamento da comunidade em se (re)aproximar dos parques principia-se no resgate do contato entre os indivíduos - socialização - e com a natureza.

3. SOCIALIZAÇÃO NA CIDADE: PRÁTICAS DE LAZER

Neste momento temos como intuito analisar as práticas de lazer na vida cotidiana das pessoas, como uma busca de vida mais saudável na cidade. Para compreender de que maneira as práticas de lazer contribuem na vida social dos cidadãos, o artigo parte de algumas ponderações da análise histórico-social, juntamente com expressivas contribuições conceituais de lazer. Para apresentarmos uma discussão sobre o assunto em sua complexidade histórica, social, cultural e semântica.

A ocorrência histórica do lazer está ligada às atividades do trabalho. A constituição do lazer no mundo ocidental, em especial na sociedade greco-romana e no contexto medieval, revela uma oposição entre o trabalho e o lazer; naquele momento, quem trabalhava não tinha o privilégio do lazer. Os autores Gomes (2004b); Sousa (1994) e Werneck (2000) apresentam

a ocorrência do lazer no período das civilizações antigas, baseado nos estudos de Sebastian de Grazia¹. Conforme os estudos desses autores, nas sociedades antigas o trabalho era desvalorizado e representava desprestígio. Na sociedade grega e na romana o trabalho era realizado pelos escravos; e na época medieval os trabalhadores eram submetidos ao senhor feudal, permanecendo a exploração da mão de obra.

Como apresentado, para alguns autores - Sebastian de Grazia; Gomes; Gomes e Elizalde; Sousa e Werneck - as práticas de lazer podem ser presenciadas nas sociedades tradicionais, com base na ideia de que somente as pessoas que não trabalhavam usufruíam o seu tempo livre nas práticas de lazer. Contudo, compreende-se que mesmo aqueles que trabalhavam arduamente (escravos e servos) também possuíam seu tempo de lazer; no entanto, eram práticas escondidas e não eram voltadas às questões educacionais e de reflexões. Por conseguinte, as práticas de lazer sempre existiram e eram contextualizadas conforme os aspectos culturais, históricos e o modo de vida da época e dos indivíduos e/ou grupos.

Já no período que compreende a Revolução Industrial, o trabalho tornou-se um “[...] elemento fundamentalmente integrador da sociedade, [...] partilhado por todas as classes sociais” (Werneck, 2000, p. 54). No entanto, o trabalho não deixa de permanecer como uma atividade exploradora de mão de obra, dado que esse período foi marcado por jornada de 15 a 16 horas, por salário miserável, sem descanso e por um período muito longo da vida.

Nessas circunstâncias, surgiram as reivindicações sociais para diminuir a carga horária de trabalho, obter férias, folga nos finais de semana e aposentadoria, enfim, a criação de leis que limitassem a jornada de trabalho; por exemplo, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no Brasil, que ocorreu em 1943, durante o governo de Vargas.

Dumazedier (2004, p. 25) salienta que “a necessidade de lazer cresce com a urbanização e a industrialização”. Com as conquistas trabalhistas, os operários passaram a ter novas possibilidades de interação social e cultural, como ressaltam Gomes e Pinto (2009).

A partir da Modernidade, o lazer passa a ser vinculado à dimensão “tempo”, em destaque a partir da Revolução Industrial, como reitera Werneck (2000, p. 139), “[...] seja ele considerado como ‘tempo livre’, como tempo de ‘não trabalho’, ‘desocupado’ ou ‘liberado’”. Nesse contexto, se faz mister salientar que o lazer como uma atividade de escolha individual e/ou do grupo é realizado com as conquistas de tempo livre do trabalho. Segundo Gomes

¹Sebastian de Grazia (1966). *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos. Para discorrer sobre o lazer no período arcaico o autor, De Grazia, é referência. Entretanto, nos utilizamos dos estudos de Gomes, Sousa e Werneck, pois não tivemos acesso ao livro, *Tiempo, trabajo y ocio*, em bibliotecas e disponibilidade de venda.

(2004a), o trabalho e o lazer possuem características distintas, mas constituem relações dialéticas e estão na mesma dinâmica social.

O lazer como um direito social é ligado à cidadania, porquanto é uma conquista histórica e social que deve ser estendida a todos, independentemente de gênero, de classe, de idade, de etnia, de cultura e de religião. A autora Werneck (2000, p. 132), relaciona o lazer como um direito social e como uma possibilidade de produção de cultura. A concepção de lazer como um direito social e uma possibilidade de criação cultural, permeia a ideia das práticas, construções e vivências de lazer, por estarem realmente enraizadas na vivência cotidiana dos indivíduos, de forma criativa, crítica, educativa e significativa. Marcellino (2007, p. 7) enfatiza o quanto é importante a atuação do plano cultural no tempo de lazer, pois:

[...] ao lado de divertimento e do descanso, pode ser também um tempo de desenvolvimento pessoal e social, ou seja, um tempo privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social.

Desse modo, conjectura-se que o lazer composto pelo aspecto cultural e pela prática social interfere no desenvolvimento pessoal dos indivíduos, logo é um instrumento de mudanças. Como apontam Gomes e Elizalde (2012, p. 81) quando escrevem que: “[...] o lazer é uma necessidade humana e uma dimensão da cultura, representando, portanto, uma prática social complexa [...]”.

Do nosso ponto de vista, o lazer não é um fenômeno isolado, ele está inserido em diferentes contextos - históricos, culturais, políticos e educacionais - conforme os valores, significados, sentidos e saberes advindos de cada sujeito e a influência do meio no qual está inserido. O lazer é praticado e contextualizado conforme a vivência cotidiana dos sujeitos, que, em sua maioria, está relacionada às questões familiares, sociais, religiosas, profissionais, etc., inseridas na dimensão/manifestação cultural no tempo e espaço presentes.

O lazer é uma atividade de grande importância para a vida de cada indivíduo e deve ser praticado periodicamente e não apenas em viagens, nas férias do ano e em finais de semanas esporádicos, pois proporcionam felicidade e vivacidade para o dia a dia. Nesse contexto, os autores Gomes e Elizalde (2012, p. 81-82) reafirmam que: “[...] a necessidade de lazer pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores, crenças e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural.”.

Para continuarmos a discussão sobre a necessidade de o meio urbano ter uma crescente demanda de espaços para o lazer e, em especial, a importância da experiência e

vivência nas paisagens cotidianas, tomaremos como base principal os estudos de Dias (2010), que mostram a apropriação das paisagens rotineiras e banais por parte da comunidade. Juntamente com os estudos das autoras Gastal e Moesch (2007) que avançam no conceito de turismo. Trata-se, assim, do conceito de turista cidadão, que se apropria das circunstâncias espaciais e temporais de sua cidade estabelecendo com ela uma relação de (re)apropriação/(re)aproximação.

4. A EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM NO COTIDIANO DA CIDADE: O TURISMO CIDADÃO

Este tópico apresenta concepções relacionadas à cidade, local em que vivem milhares de pessoas, conduzidas pela noção de paisagem no cotidiano, fundamentadas no experienciar, vivenciar e conviver com a própria cidade, com o afastamento do cotidiano, proporcionando assim a prática do turismo cidadão.

No mundo contemporâneo, a maioria das pessoas vive em cidades compostas por um complexo estrutural de infraestrutura e atividades de subsistência da população. Evidencia-se que as *urbes* são constituídas por intensas interações econômicas, sociais e culturais, por se tratar de ambientes que contêm pessoas de diferentes etnias, religiões, níveis educacionais, valores culturais, línguas, dialetos, dentre outros, permitindo-se constantes combinações de padrões, valores, costumes e modos de viver. A diversidade e interação cultural das cidades ocasionam o desafio da “[...] construção e ao exercício da cidadania em sociedades multiculturais” (Gastal & Moesch, 2007, p. 18).

Referente a essa temática a paisagem pode ser depreendida como o aspecto (in)visível de uma área, assim sendo, as cidades são compostas por diversos tipos de paisagens – históricas, culturais, artísticas e naturais – intrínsecas pelo seu valor de uso e valor afetivo, proporcionando às pessoas o sentimento de pertencimento ao local, uma vez que são contextualizadas e resultantes dos aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, naturais e culturais que compõem a forma organizacional e o modo de vida da sociedade.

Nessa perspectiva, Santos (2009, p. 107) descreve que a representação e a realidade da paisagem advêm de sua historicidade, associada aos aspectos sociais. O autor complementa que “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva.” A paisagem abarca a história das pessoas, ou seja, é capaz de testemunhar o modo e o estilo de vida, compondo um resultado histórico acumulado. Pode-se destacar que a descrição e percepção da paisagem se dão conforme a compreensão do indivíduo, advinda de seus sentimentos, memória subjetiva,

cultura, história, modo de vida e de ver. Dias (2010, p. 127) afirma que a paisagem não se compõe “[...] apenas do que vemos, mas do que ouvimos, sentimos, pressentimos...”.

Assim, do nosso ponto de vista, o termo *paisagem* possui um significado mais amplo e complexo do que apenas o relacionado aos aspectos visíveis – ambientes construídos e/ou naturais -, pois abarca elementos intangíveis que incluem valores, emoções e significados intrínsecos de cada indivíduo. Destarte, “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.” (Lynch, 1997, p. 1).

Os estudos de Dias que investigam a experiência da paisagem no cotidiano vêm ao encontro de nossas reflexões sobre a apropriação e a experiência da paisagem no dia a dia, dizendo que:

[...] criar, a partir das imagens mostradas e de nossas lembranças e impressões, os elos, os laços, que enriquecem a nossa percepção de paisagem. O que nos confirma que a paisagem é sempre um ponto de vista pessoal, mas é também a troca de pontos de vista e se constitui desse compartilhamento. Nessa precisa articulação entre o interior e o exterior, entre o íntimo e o que lhe é ex-cêntrico, ela é mediação entre o mundo dos objetos e a nossa subjetividade (Dias, 2010, p. 286).

Por sua vez, os habitantes devem incitar a vontade de ver as paisagens do cotidiano, para observá-las em seus deslocamentos diários, passando a conhecer o seu espaço urbano, antes desconhecido. A diversidade de paisagens nas cidades permite as quase infindáveis opções de espaços, atraindo os cidadãos e possíveis visitas turísticas que buscam atividades e/ou produtos variáveis e com qualidade. O turismo é uma atividade que envolve questões histórico-sociais que pressupõem deslocamentos de indivíduos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos, que, por sua vez, possibilitam o afastamento concreto e simbólico do dia a dia.

Segundo Gastal e Moesch (2007, p. 12) “[...] o Turismo se constitui em um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam”. Simbólico, por seus valores de uso e afetividade que ocasionam ao indivíduo sensações de surpresas, sentimentos e comportamentos, levando-os a (re)pensar, (re)ver e (re)avaliar não só o momento vivenciado, mas também a vida. Ressalte-se, ainda, que essas experiências são proporcionadas tanto aos visitantes quanto à comunidade local. Desse modo, pode-se pressupor que as paisagens cotidianas são referências para o turismo da cidade, tornando-se um meio para o contato entre os moradores e os turistas, permitindo que cada um estabeleça um significado diferente para essas paisagens.

Para que os turistas parem e contemplem a paisagem ao seu redor e os cidadãos tenham um momento de contemplação da paisagem rotineira, é necessário “[...] encontrar em permanência novos pontos de vista e de contato, novos elos que nos aproximam dos espaços de todos os dias” (Dias, 2010, p. 115). Assim, o experimentar a paisagem no cotidiano pesquisado por Dias vai ao encontro dos estudos das autoras Gastal e Moesch, ao analisar o turista cidadão. O turista cidadão é aquele que vivencia, usufrui e experiencia as paisagens de sua própria cidade durante o seu tempo livre.

Neste sentido, as autoras Gastal e Moesch trabalham com a ideia dos cidadãos viverem o *estranhamento*, que é sair das rotinas temporais e espaciais da própria cidade, o qual ocasiona o usufruto das paisagens com uma percepção diferenciada do seu cotidiano. Procedendo de tal modo, ao usufruir desses locais, o cidadão realiza a prática do turismo cidadão, considerado como:

[...] aquele morador da localidade que vivencia práticas sociais, no seu tempo rotineiro, dentro de sua cidade, de forma não rotineira, onde é provado em relação à cidade. Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras oportunidades de lazer e entretenimento. Quando se encontra na situação de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento com uma percepção diferenciada do seu cotidiano (Gastal & Moesch, 2007, p. 65).

Pode-se inferir que o turista cidadão percebe as paisagens de sua cidade e envolve-se com elas, usufruindo-as ativamente em seu tempo não rotineiro, como entretenimento, em sua própria cidade. Assim, o indivíduo cria uma postura de preservação, conhecimento, identificação cultural e histórica na vida cotidiana, somadas as suas atitudes em relação à cidade. Gastal e Moesch (2007, p. 37) salientam que “também se estaria migrando de um conceito de turismo marcado pelas distâncias espaciais para um conceito que priorizasse a sua prática como o percorrer tempos e espaços diferentes dos rotineiros”. O conceito de turismo cidadão quebra o conceito hegemônico de que o turismo é realizado apenas em lugares distantes da própria residência.

A prática do turismo cidadão aprofunda laços com a cultura local, estabelece o sentimento de identidade e pertencimento, por conseguinte, conscientiza da importância e do respeito que se deve ter com a cultura que se encontra em constante construção social. Assim, quando as paisagens cotidianas passam a ter um significado importante para os moradores da cidade que delas usufruem, esses moradores transformam-se em turistas cidadãos.

Os parques urbanos, como espaços de sociabilidade e lazer, são capazes de oferecer um sistema complexo de atrativos, assim sendo atendem primeiramente à população local. Nesse sentido, ao serem percebidos pelos indivíduos, ocasiona-se um envolvimento e vivência com a paisagem de sua cidade, torna-se uma experiência singular, fora do seu cotidiano, possibilitam a prática do turismo cidadão.

5. METODOLOGIA

Este trabalho tem como locus de pesquisa o Parque Farroupilha em Porto Alegre. Para tanto, a abordagem qualitativa é a que melhor se coaduna com o desenvolvimento da pesquisa, tendo-se em vista que o objetivo geral deste estudo é: investigar as formas de apropriação estabelecidas no Parque Farroupilha pelas práticas de lazer e turismo cidadão.

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, Triviños (2011) compreende que esta envolve as atividades de investigação com observação dos fenômenos sociais, com o objetivo de atingir a descrição, caracterização e interpretação da realidade recorrendo a uma interpretação do que existe, efetivamente, sob o ângulo qualitativo, haja vista que “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto num contexto” (p. 129).

A escolha do parque teve como fundamento a relação que esse espaço estabelece com os cidadãos, na vivência individual ou coletiva, mediante as práticas de lazer e turismo cidadão. Além disso, a história do Parque Farroupilha se confunde com a história do povoamento da cidade e o acompanha, remetendo à ideia de que os espaços, as estruturas e seu desfrute constituem-se conforme a apropriação e vivência dos seus frequentadores, juntamente com o desenvolvimento urbano.

Ressalta, ainda, que o Parque Farroupilha é um espaço público representativo para o lazer da população devido as suas diversas infraestruturas. O Parque Farroupilha, localizado em região central, representa a presença da natureza na cidade com uma área total de 37,51 hectares. O que nos interessa aqui é compreender as formas de apropriação estabelecidas, levando em consideração suas opções de lazer e turismo cidadão, influenciadas pelas atividades oferecidas e infraestruturas construídas.

Nessa perspectiva, o estudo de caso do Parque Farroupilha possibilitou a representação das relações dos cidadãos com o Parque Farroupilha que estão presentes nas expectativas dos sujeitos produtores do diálogo intercultural, por suas ações e histórias pessoais. Triviños (2011, p. 134) diz que o estudo de caso proporciona “[...] uma visão na qual se observa o

fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais”. Nesta perspectiva, permite ao pesquisador um estudo intensivo e com participação no universo onde ocorre o fenômeno. Consequentemente, pode ser usada para identificar inconsistências entre o que a teoria prevê e o que pode ser interpretado da realidade, permitindo uma abordagem teórico-prática.

Assim sendo, a pesquisa tem os seguintes objetivos específicos: a) Descrever a contextualização do Parque Farroupilha por meio de suas atividades e o uso cotidiano dos seus frequentadores; b) Analisar como o Parque Farroupilha transforma-se em lugar de natureza para aqueles que os frequentam, inscrevendo/intensificando na cidade a presença da natureza; c) Investigar de que maneira as práticas de lazer no Parque Farroupilha pode contribuir para a vida social dos cidadãos; e, d) Investigar como a população pode (res)significar sua experiência na cidade, mediante as práticas do turismo cidadão no parque Farroupilha.

A pesquisa de campo no parque estudado foi realizada em dois dias úteis e no final de semana. A pesquisa no Parque Farroupilha se desenvolveu de quinta a segunda-feira, nos dias 19/07, 20/07, 21/07, 22/07 e 23/07² de 2012. Como a pesquisa de campo é de natureza descritiva, utilizaram-se os seguintes procedimentos e instrumentos para a coleta de dados: entrevista semiestruturada; observação sistemática ou estruturada; fotografias e anotações de campo.

A entrevista é o procedimento que melhor se encaixa para ajudar a colher materiais para estudar a realidade social, tendo-se em vista que ajuda a “[...] compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.” (Mazzotti, 2001, p. 168).

O autor Triviños (2011, p. 146) acrescenta que a entrevista semiestruturada é: “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.”

Dessa forma, a construção das perguntas foi baseada nos objetivos da pesquisa. As entrevistas no Parque Farroupilha foram elaboradas com 13 perguntas. A pesquisa não se utilizará dos nomes dos entrevistados e, sim, da seguinte nomenclatura: no Parque Farroupilha (“N” corresponde à ordem do entrevistado). Realizaram-se 18 entrevistas semiestruturadas,

²Realizou-se uma entrevista no dia 23/07, pelo fato de a pesquisadora ter perdido a gravação realizada no dia 22/07. Assim, entrou-se em contato com o entrevistado e ele prontamente se disponibilizou para uma nova entrevista.

mais uma entrevista com um voluntário³ que se disponibilizou a andar pelo parque com a entrevistadora para ir mostrando sua infraestrutura e seus espaços e, concomitantemente, ir explanando sobre suas vivências no Farroupilha. O encerramento das amostras de entrevistados ocorreu a partir do momento em que a pesquisadora verificou a consistência das falas para a análise, e/ou quando não foram mencionados novos dados/elementos.

Acreditando que as entrevistas não conseguiriam abranger os objetivos da pesquisa, somou-se a elas a observação sistemática ou estruturada. Destarte, essa observação se deu por meio da análise das apropriações feitas pelos usuários, juntamente com as atividades e infraestruturas oferecidas pelo parque. Para o registro dessas informações, utilizou-se de anotações em diário de campo e registro do cotidiano, com o auxílio de fotografias, capazes de ilustrar e possibilitar possíveis análises do fenômeno que não foram observadas, como por exemplo, apreensão de detalhes dos locais/espaços e atividades desenvolvidas que não foram apreendidos de imediato. Faz-se mister salientar que:

“A descrição é uma etapa árdua, que exige muito esforço, experiência e informações sobre a situação que se estuda e a teoria geral que orienta o trabalho do pesquisador. Os comportamentos, as ações, as atitudes, as palavras etc. envolvem significados, representam valores, pressupostos etc., próprios do sujeito e do ambiente sócio-cultural e econômico ao qual este pertence.” (Triviños, 2011, p. 155).

Dessa forma, ao realizar esses procedimentos o investigador deve realizar um exame crítico das informações e resultados encontrados em campo. Estabeleceu-se, então, uma relação entre a teoria e a prática, possibilitando a análise dos fatos sociais e físicos do Parque Farroupilha em suas dinâmicas. Permitindo assim, (res)significar a experiência na cidade mediante a presença dos parques urbanos com sua natureza, práticas de lazer e o turismo cidadão.

6. PARQUE FARROUPILHA: PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO CIDADÃO

O presente capítulo tenta elucidar sobre o cotidiano do Parque Farroupilha. O cotidiano, aparentemente banal, revela-nos aspectos das apropriações estabelecidas pela sociedade de Porto Alegre. As práticas cotidianas verificadas no Parque Farroupilha revelam os costumes de uma sociedade presente nas atividades – esportivas, artísticas, culturais, educativas e contemplativas – oferecidas pelo parque e vivenciadas pelos seus usuários.

³ Esse entrevistado foi denominado por 19º PF.

Com o intuito de verificar o perfil do visitante do Parque Farroupilha, questionamos os frequentadores sobre o bairro de sua residência. Constatou-se que 61% dos entrevistados moram próximo ao parque, enquanto que 39% em outros bairros mais afastados. Apesar de os dados apresentarem que os frequentadores são de bairros relativamente próximos ao parque, destaca-se que o parque atende tanto à população próxima quanto a de diversos outros bairros. Isto se confirma na fala do “18º PF⁴” e com as especificações apresentadas nas respostas dos entrevistados ao serem questionados se o Parque Farroupilha é de fácil acesso e como avaliam a localização do parque.

Pelo fato de os frequentadores serem de diversos bairros de Porto Alegre e o Parque Farroupilha ser bastante frequentado, o 18º PF entrevistado afirma que: *“uma vez por mês o transporte de ônibus é gratuito. Ai vem gente de qualquer canto de Porto Alegre. Nesse dia fica superlotado... É muito bonito.”* Do mesmo modo, três entrevistados (7º, 8º e 13º PF) destacaram em comum a facilidade de acesso e a localização do parque, dizendo que vem ao parque o *“pessoal da zona norte, zona sul, zona leste e zona oeste”*, devido à facilidade do transporte coletivo e/ou pela diversidade de vias de acesso que convergem até o parque, contribuindo para a procura por todo porto-alegrense.

Quando questionados sobre a facilidade de acesso ao Parque Farroupilha, 100% dos entrevistados concordaram que o parque é de fácil acesso. Eles destacaram que o parque é centralizado e que por ele passam muitos ônibus de vários bairros da cidade. Esse dado mostra tanto a facilidade que os frequentadores têm de virem dos diversos bairros de Porto Alegre quanto reforça a informação de que o parque é frequentado por pessoas que moram longe dele.

De acordo com os entrevistados o Parque Farroupilha possui diferentes atrativos que o destacam dos demais parques de Porto Alegre, fazendo com que ele seja um parque de referência para o lazer da cidade. Os entrevistados mencionaram as seguintes motivações para visitar o Parque Farroupilha: é o maior parque de Porto Alegre; tem uma área bastante ampla; pela presença da área verde; pelas diversas opções de comida e bebida com vários restaurantes ao redor do parque; pelo fato de o parque ser bastante movimentado; por favorecer o encontro com amigos; por ser lugar tranquilo, com segurança, bastante iluminação e possuir diversidade de infraestrutura. O 18º PF entrevistado exemplifica que: *“ele é o maior*

⁴O 18º entrevistado frequenta o parque há 26 anos, todos os dias da semana. O fato de o entrevistado frequentar o parque há 26 anos e fazer parte de um grupo do Farroupilha com mais ou menos 500 pessoas (os integrantes não têm dia e horário estipulado para se encontrarem, é de acordo com a disponibilidade de cada um), supõe que ele vivenciou muitas mudanças, tanto no aspecto físico quanto na vida dos frequentadores do parque. Além disso, pude constatar em uma fala de um amigo próximo a ele que: *“ele é considerado o ‘Parque Mestre’”*.

em área de extensão⁵; é o que congrega o maior número de opções de atividades, enquanto que os outros são mais específicos em termos humanos e de uso, assim todo mundo se encontra aqui. E o fato de ter o Brique⁶ que é um acontecimento, uma referência... isso aí também faz parte para torná-lo diferente.”.

A realização de apresentações artísticas no Parque Farroupilha mostrou-se relevante para a atratividade, por conquistar um público maior e bem diversificado (Figura 1). Além disso, constatou-se que essas apresentações e o Brique da Redenção (Figura 2) singularizam o parque e contribuem para as práticas de lazer individual ou coletivo, ou seja, a vida social dos cidadãos.



FIGURA 1 – Apresentação artística.
Fonte – Dados da pesquisa, 2012.



FIGURA 2 – Brique da Redenção.
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Cabe destacar que é necessário divulgar as artes em diversos espaços - lugares públicos (jardins, praças, parques, ruas, mercados, recintos abertos), cinema, rádio, teatro, museu, etc., - para atingir diferentes classes populacionais - sociais, etárias e educacionais - despertando o interesse e o gosto pela arte, pois isso contribui para a formação intelectual e moral dos indivíduos. Cabe ressaltar que a visão/imagem que cada indivíduo tem perante o

⁵ Apesar do entrevistado falar que o Parque Farroupilha é o maior parque de Porto Alegre esta informação não condiz com a realidade. Porto Alegre possui um total de 11 parques, que se totalizam 5.415.808 m², sendo dispostos nos seguintes parques: Parque Farroupilha: 375.163 m²; Parque Moinho de Vento: 115.000 m²; Parque Maurício Sobrinho: 400.000 m²; Parque Marinha do Brasil: 715.000 m²; Parque Marechal Moraes: 182.300 m²; Parque Chico Mendes: 252.900 m²; Parque Alemanha: 175.000 m²; Parque do Morro do Osso: 270.400 m²; Parque Saint-Hilaire: área de recreação: 2.400.000 m²; Parque Gabriel Knijnik: 119.545 m²; e, Parque da Restinga: 410.500 m². (Menegat, Porto, Carraro e Fernandes, 1998). Com base nestes dados, pode-se perceber que o Parque Farroupilha não é o maior de Porto Alegre, porém os seus usuários o consideram devido a diversidade de atividades que se encontram e o fato do parque fazer parte da história da cidade e de seu lazer.

⁶ O “Brique” é a Feira Brique da Redenção que acontece todos os domingos na Avenida José Bonifácio, ao lado do Parque Farroupilha, das 9h às 18h, desde 1978. Assim sendo, pelas observações em campo e pela fala dos entrevistados podemos afirmar que essa feira faz parte do parque aos domingos e é considerada pela população como um atrativo de lazer.

objeto artístico é envolvido pelo seu imaginário - sentimentos e emoção -, sua formação pessoal - história e cultura - e educacional.

Com relação aos hábitos de visita ao Parque Farroupilha, constatou-se uma frequência bastante variada: 33% dos entrevistados vão uma vez por semana; 17% de duas a três vezes por semana; 11% quase todos os dias; 11% de três a cinco vezes por semana; 11% de quinze em quinze dias; 11% uma vez por mês e 6% quase todos os dias.

Destaca-se que os moradores próximos ao parque visitam-no com mais frequência. Apesar dessa distinta frequência, podemos perceber que o maior espaçamento de tempo é de apenas uma vez por mês. Esse dado vem ao encontro da constatação de que os indivíduos usufruem de sua própria cidade em seu tempo de lazer. E que as pessoas são sujeitos da construção da sua própria cidade não só por meio da participação nas decisões de políticas públicas, mas no dia a dia, no simples uso do parque, nessa apropriação dos espaços públicos. Na vida cotidiana as formas de apropriação e vivência de seus espaços, entre eles os parques, demonstram que os cidadãos exercem as práticas de turismo cidadão, o que os faz desfrutar do espaço de sua cidade de modo diferenciado do seu ritmo cotidiano, contemplando a natureza e fruindo a paisagem.

Dentre os motivos apresentados para visitar o Parque Farroupilha, foram citados: tomar sol, com destaque à expressão: “*quando está frio e tem sol a galera toda vem ‘lagartear’*” (11º PF); tomar chimarrão⁷; infraestrutura; diversidade de atividades; a beleza do parque; sair do apartamento e passear para espalhar; extensa área verde; contato com a natureza e o ar livre; devido à grande quantidade de pessoas, e sempre é possível encontrar com amigos e conhecidos. Esses motivos remetem à presença da natureza e à diversidade de atividades que o parque oferece (Figuras 3 e 4). Diante das entrevistas e com as observações em campo foi possível perceber que os porto-alegrenses usufruem intensamente do Parque Farroupilha. Completando a ideia de apropriação do Parque Farroupilha, notamos que o parque é um espaço desfrutado por seus frequentadores, revelando os valores, os costumes, a cultura e a história da comunidade porto-alegrense.

⁷Com relação aos motivos tomar sol ou “lagartear” e tomar chimarrão (Figura 4), mencionados pelos entrevistados, podemos dizer que o parque acolhe e reúne essas duas situações, remetendo-nos ora a uma prática cultural gaúcha conhecida, àquela de compartilhar a cuia de chimarrão, favorecendo o encontro entre as pessoas, ora àquela de se deleitar com o sol.



FIGURA 3 – Diversidade de apropriação: bambolê.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.



FIGURA 4 – Pessoas tomando sol e chimarrão.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Sobre as especificações das formas de uso do parque, cabe relacionar ao ponto de vista do desenvolvimento cultural do lazer, o qual Dumazedier (1980) divide-o em cinco categorias: físico, prático, artístico, intelectual e social. Essas categorias não devem ser lembradas isoladamente, pois partem das opções pessoais pelas atividades de lazer, o que nos leva a pensar o homem de maneira integrada - corpo e mente - e que as distinções das categorias são realizadas pela característica predominante que se busca no desenvolvimento da atividade, tendo-se em vista que estão interligadas.

Os interesses físicos são, conforme o autor “[...] a participação ativa e voluntária do indivíduo nas atividades relacionadas com a cultura física, isto é, um novo enfoque da prática esportiva e da assistência ao espetáculo” (Dumazedier, 1980, p. 112). Eles são caracterizados como a prática dos exercícios físicos e esportivos, vinculados à participação consciente e voluntária na vida social e cultural.

Os interesses práticos, por sua vez, são atividades manuais (*bricolage*⁸, culinária ao domingo, artesanato, jardinagem, etc.) produtivas e, em sua maioria, relacionadas as obrigações familiares, com caráter utilitário, - ou semiobrigatórias e desinteressadas - realizam-se no espaço e tempo de lazer ou do semilazer⁹ (Dumazedier, 1980).

No que tange aos tipos de atividades, destaca-se que o trabalho manual doméstico é uma oportunidade para estabelecer possível equilíbrio entre as relações profissionais e familiares e, ainda, faz com que os indivíduos se esqueçam dos problemas econômicos, trabalhistas, escolares, etc.

⁸*Bricolage* – consertos, reparos, execução de pequenos trabalhos, ligados aos ofícios (Dumazedier, 1980, p. 130). ⁹Semilazer – Parte da ideia de tornar-se outro trabalho exercido no tempo liberado do trabalho profissional, como as atividades ligadas às obrigações familiares. Dumazedier (1980, p. 166) diz que as atividades socioespirituais e sociopolíticas estão inclusas no tempo liberado tanto do trabalho quanto das obrigações familiares.

Com relação aos interesses artísticos, por sua vez, averigua-se a divulgação e a progressão cultural. Diante do exposto, Dumazedier (1980, p. 135), apresenta dois movimentos: “[...] a democratização das artes eruditas e a promoção das formas de arte tradicional e popular na cultura de hoje”. Para atingir uma maior quantidade de pessoas deve-se procurar conscientizar, educar e despertar o interesse dos indivíduos para as exposições artísticas.

De acordo com os interesses intelectuais, as atividades são voluntárias, ou seja, não incluem atividades escolares ou universitárias. E são motivadas por uma inclinação pessoal e pela paixão capaz de passar conhecimento, informação e aprendizagem, como: leitura, filme, teatro, dentre outros. Com relação à diferenciação das atividades de lazer voltadas a interesses artísticos, esses envolvem aspectos subjetivos - o encantamento, a beleza e a estética -, enquanto que os intelectuais abrangem a objetividade, pelo fato de se relacionarem às questões documentárias, científicas e didáticas.

Por último, os interesses sociais são compostos pela análise do desenvolvimento de sociabilidade nas atividades de lazer de interesses físicos, atividades prático-manuais, espetáculos artísticos e intelectuais, sendo necessário observar os interesses sociais comuns e os específicos de cada atividade (Dumazedier, 1980). Assim, é necessário observar o grau de sociabilidade de cada atividade, seja a atividade que favorece o desenvolvimento da socialização ou se desfavorece o contato com o outro.

Compartilhando da ideia de Camargo (2003, p. 18), acredita-se que pode ser acrescentada mais uma área de interesse cultural nessa classificação, o turístico, marcado pela prática de atividade voluntária e prazerosa, ligada ao campo educativo, relacionando-o com a participação social e lúdica. O referido interesse possibilita a abertura para uma vida cultural e educacional intensa e diversificada. O conhecimento de todos os interesses do lazer é de grande importância para que sejam proporcionados às pessoas a satisfação, o descanso e a diversão, mesmo porque, muitas vezes, elas praticam apenas as atividades de um grupo por não possuírem contato com os demais.

Com relação ao parque ser um espaço que promove uma vida mais saudável aos indivíduos, dois entrevistados afirmaram que visitar o parque ajuda a

“relaxar quando se está estressado... O stress na real é o medo e essa busca pelo parque teria que ser feita sempre por pessoas que têm problemas de saúde... Que paulatinamente começa a instalar a harmonização e a cura. É uma coisa fantástica, por isso é preciso o parque para ‘pegar na mão’ da pessoa e dar a sua caminhada, assim ajuda a melhorar a saúde” (2º PF).

E o segundo disse que:

“o parque é um remédio para todos os males, é uma benção para as pessoas que podem usufruir e têm a visão de enxergar e entender o bem estar que ele traz para elas. Inacreditável o que o parque faz por uma pessoa. Quando as pessoas estão bem, ir ao parque é uma opção; no entanto, quando estão mal, com depressão, com problemas na vida, devem obrigatoriamente ir ao parque, porque ele corrige todas as nossas preocupações, ele acaba com elas, ele reduz ou diminui muito nossas mazelas, por experiência própria e por experiência vivenciada com outras pessoas.” (18º PF).

O parque como um mediador para a recuperação do *stress* oferece, se assim podemos pensar, àquele que o frequenta o contato com a natureza que revigora e propicia aos indivíduos a sensação de vitalidade, porque, em contato com ela, nos desligamos, nos desconectamos do ambiente urbano e de sua rotina. Isso nos conduz ao que Werneck diz quando lembra que o lazer supre as necessidades físicas e psíquicas, ajudando quando se volta para a rotina.

Diante o exposto, pode-se inferir que vivenciar o espaço do parque é estabelecer conexões com a sua paisagem, encontrar pontos de observação e contemplar a cidade com outros olhos. Essa outra possibilidade de (re)ver o espaço cotidiano é ressaltada por Dias (2010, pp. 145-146) quando lembra que para “[...] ver a paisagem é preciso distanciar-se do habitual, retomar a falha, a fresta que aponta para longe, para outra margem que nos fará ver o (in)comum que está tão perto.”. Essa explanação remete à ideia apresentada pelo 18º PF entrevistado que afirma os benefícios do parque quando a pessoa entende o bem-estar que ele proporciona à vida dos seus frequentadores.

Reitera-se ainda que os benefícios do parque, em sua maioria, advêm do fato de ele ser um espaço de sociabilidade e possuir áreas verdes, capazes de oferecer aos seus frequentadores a sensação de distanciamento dos ambientes urbanos construídos, criando um lugar de pausa e de tranquilidade, ao contrário do ritmo acelerado e ensurdecido das cidades. “Esses espaços de natureza cada vez mais rara representam o antídoto para os ritmos urbanos, o stress e a poluição.” (Serpa, 2007, p. 82).

Com relação ao questionamento sobre se os frequentadores visitam o parque sozinhos ou acompanhados, 59% dos entrevistados disseram que vão acompanhados; 23% sozinhos e 18% acompanhados ou sozinhos, dependendo do dia. Dentre as pessoas que foram citadas que os acompanham foram: esposo(a); amigo(a); filho(a); irmão(ã) e sobrinho(a). No tocante ao parque ser um ponto de encontro - espaço de socialização -, 81% dos entrevistados se socializam com outras pessoas que lá estão, enquanto 19% se socializam somente com os seus

acompanhantes. Destaca-se que, apesar de os 19% não se relacionarem com desconhecidos, a vivência no parque permite o estreitamento de laços afetivos entre amigos e familiares. Além disso, a maioria relatou que sempre encontra com conhecidos pelo parque.

Por conseguinte, o Parque Farroupilha, como espaço que facilita a socialização é confirmado nas seguintes falas: “*é um ponto de referência para encontrar com amigos e/ou familiares*” (5º PF); “*no parque tem diversos perfis de pessoas: adolescentes, roqueiros, crianças, idosos, homossexuais, pessoal dos malabares, pessoal com os cachorros¹⁰, pessoal que vem fumar maconha, pessoal que vem tomar bebida alcoólica e à noite tem garotos(as) de programa*” (11º PF) (Figuras 5 e 6).

Em continuidade a socialização o 18º PF entrevistado destaca, ainda que:

“os grupos sociais existem em todos os lugares do mundo. O parque é frequentado por grupos distintos - emos, punks, homossexuais, cosplay, famílias e adolescentes. No domingo à tarde o grupo que se destaca são os punks/darks (de 100 a 200 pessoas), são aqueles que usam roupa preta, cheio de metais... Tudo preto. Eles ficam no grupinho deles e não tem briga.” (18º PF).

Nesse contexto, os autores Gomes e Elizalde (2012, pp. 81-82) reafirmam que: “[...] a necessidade de lazer pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores, crenças e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural”.



FIGURAS 5 e 6 – Frequentadores e apropriação do Farroupilha: *cosplay*; pessoas da terceira idade; adultos e crianças.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Em suma, a socialização depreende as relações desenvolvidas por indivíduos ou grupos de pessoas, ocasionando relações e interações sociais, caracterizadas pelos sentimentos dos participantes, o grau de interesse e prazer proporcionados. Nesse contexto, compreende-se

¹⁰No Parque Farroupilha há um espaço que é reservado para as pessoas brincarem com seus cachorros, denominado de “cachorródromo”.

que a socialização propicia a troca de experiências, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Com relação à importância da socialização no meio urbano, Moesch (2012, p. 206) descreve que:

Os espaços públicos das cidades [...] são caracterizados pelo uso coletivo e pela promoção da interação social. Com essa interação, os espaços públicos tomam novas formas, seja no seu mobiliário urbano, em sua paisagem natural ou construída, propiciando qualidade físico-espacial. Por isso, deve-se conceber a cidade como objeto social e cultural [...].

Com base nessa assertiva, percebe-se que, por meio das práticas de turismo cidadão, a apropriação e o uso dos espaços públicos por parte dos habitantes estabelecem novas conexões com as paisagens que os cercam, despertam percepções singulares que acabam por (res)significar a nossa experiência na cidade.

Não obstante, com base nos dados citados, os parques são espaços representativos para o lazer dos cidadãos. Esta informação pode ser reiterada na resposta dos 100% dos entrevistados ao responderem que o Parque Farroupilha é um espaço que faz parte do lazer da população. Eles disseram que o parque é um espaço importante para o porto-alegrense: “o Parque é uma diversão saudável e barata. Como por exemplo: traz uma bola, traz um chimarrão, as crianças ficam correndo e comem pipoca” (18º PF), e ainda “é um ponto de encontro, está sempre cheio e é aonde o pessoal vem para se encontrar” (7º PF).

Assim, vivenciar o parque na dimensão aqui desenvolvida, ou seja, na relação com a sua paisagem, com o reconhecimento da importância da natureza no centro urbano, com as práticas de lazer e turismo cidadão, podemos pensar que essa apropriação nos conduz à noção de cidadania, de uma ética do estar junto, de um modo de ser da cidade, de estar na cidade, compartilhando de seus espaços, reconhecendo-os como parte fundamental para que sejamos acolhidos em seu cerne.

Dentre as atividades citadas pelos entrevistados, quanto ao tipo de lazer que o parque possibilita, foram mencionadas: o orquidário; espaço para caminhada; shows; orquestra sinfônica; quadra de esportes; área de ginástica para a terceira idade; andar de bicicleta; passear com o cachorro; parquinho; eventos artísticos; as feiras – Brique da Redenção, Antiguidade e Agro-Ecológica¹¹.

¹¹Com relação à Feira Agro-Ecológica e a presença de vários restaurantes vegetarianos próximos do Parque Farroupilha, o 19º PF entrevistado destaca que: “o Bairro do Bom Fim tem um pessoal mais ecologista, assim está acontecendo todo um movimento ecológico. Tem a Feira dos Produtos Orgânicos, alguns restaurantes de comida vegetariana e indiana.”.

Com base na diversidade de atividades que o Parque Farroupilha propicia aos seus usuários destaca-se as práticas de lazer compostas pelo aspecto cultural. As autoras Gomes e Pinto (2009) apresentam em seus estudos a concepção de cultura pela especialista em lazer, Ramalho¹², com o enfoque na relação das práticas de lazer com a cultura, contrapondo com a ideia de que o lazer é um mero conjunto de ocupações:

Sendo cultura, o lazer é, pois, produto humano construído por meio de processos que se constituem a partir de valores, saberes, motivações e desejos de cada sujeito, influenciados pelos sentidos e significados que os mesmos atribuem às suas experiências. Processos localizados, uma vez que cada construção cultural depende do contexto social onde se realiza, do cotidiano onde os sujeitos criam as técnicas corporais próprias de sua cultura e seus modos específicos de lidar com os limites de tempo, lugar, infraestrutura, condições econômicas e outras dimensões que condicionam suas realizações no lazer (p. 98).

Sobre as opções de lazer usufruídas pelos frequentadores do Parque, obtivemos nas entrevistas uma grande diversidade de formas de apropriação do espaço. Os entrevistados citaram: “*tomar chimarrão*” (dez respostas); “*conversar com os amigos*” (sete respostas); “*sentar na grama*” (cinco respostas); “*caminhar*” (quatro respostas); “*tomar sol*” (três respostas); “*observar/contato com a natureza*” (três respostas); “*acessar a internet*” (duas respostas) e com uma resposta apareceram: “*alongamento*”, “*piquenique*”, “*passar com o cachorro*”, “*jogar bola*” e, por último, “*ler*”. Pode-se afirmar que o Parque Farroupilha, pela variedade de espaços e de opções de atividades que oferece, tende a ser um forte atrativo turístico.

Por meio da fala dos entrevistados foi possível notar que a questão da natureza influencia na motivação e nas atividades praticadas no Parque Farroupilha. Os 100% dos entrevistados acreditam que o Parque Farroupilha é um espaço que favorece a contemplação da natureza. Eles se referiram à extensa área verde presente no parque, os pássaros, as árvores, a grama, a diversidade de plantas e a água.

Com relação à importância do parque como espaço de lazer e presença de área verde no bairro central da cidade, questionou-se: “o que você acha de o Parque Farroupilha estar em um bairro central da cidade?”. Novamente 100% dos entrevistados consideraram muito bom e importante. Constatou-se que, na maioria das respostas, eles reafirmaram suas justificativas com a presença da natureza e ser um espaço de descanso no centro.

¹² As autoras Christianne Gomes e Leila Pinto coletaram 31 questionários com especialistas brasileiros, profissionais formados em diversas áreas do conhecimento e com experiência no lazer, dentre eles, Cláudia Martins Ramalho.

“O parque é uma área verde que a gente precisa muito e está localizada bem no centro. O parque é muito importante, porque no centro tem muita poluição, muito barulho, então aqui é uma forma de lazer para as pessoas se distraírem, sair um pouco da rotina e tirar o estresse.” (4ª PF).

Dessa forma, os parques urbanos localizados nas regiões centrais são importantes tanto para se contrapor aos ambientes com grande concentração de prédios quanto por proporcionarem um espaço com mais umidade, amenização da temperatura, efeito paisagístico e sonoro, dentre outros.

Para compreendermos o parque como espaço de práticas turísticas, questionamos: “se você recebesse um visitante em Porto Alegre o traria até o Parque Farroupilha? Por quê?”. Todos confirmaram que “sim”, pois “*é um ponto turístico e geralmente as pessoas querem conhecer. Além disso, é um lugar bonito com bastante vegetação dentro de um centro.*” (1º PF); “*a gente pratica o lazer no parque e depois vamos para os restaurantes que estão próximos*” (2º PF); “*principalmente no domingo onde tem o Brique que é uma referência cultural, tem os artesãos, tem os trabalhos, enfim, a comercialização das lembranças, sem contar com os eventos culturais*” (6º PF) e “*uma das primeiras opções de turismo é o parque. Aliás, no domingo você já leva o visitante no Brique e ao Parque*” (8º PF).

A apropriação do parque pelos cidadãos seja pelas suas infraestruturas ou pelas suas expressões culturais, artísticas e históricas faz com que eles o considerem como um espaço representativo para a comunidade, conseqüentemente, atrativo para o turismo.

A importância do parque para o dia a dia dos cidadãos pode ser confirmada com as respostas dos entrevistados ao mencionarem como se sentem após visitar o Parque Farroupilha. Todos disseram que se sentem muito bem e têm a sensação de: descanso, tranquilidade, energia positiva, paz consigo mesmo, *aliviado, saí da rotina, aproveitei bem o dia, descarrego a tensão e o estresse do dia a dia*. Destarte, pelo fato de o Parque Farroupilha ser um espaço público que promove a história, a cultura e o lazer, os porto-alegrenses tendem a valorizá-lo e a preservá-lo. Desse modo, o Parque Farroupilha, como um espaço de lazer disponível a uma esfera da maioria da população, representa um local de manifestação cultural tanto da cidade quanto dos seus frequentadores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades, hoje, são densamente povoadas, resultando na criação de espaços e infraestruturas para atender às necessidades da população em ter espaços para a prática do

lazer, em especial, por “parques urbanos”, que são espaços públicos capazes de estabelecer relações sociais mediante práticas esportivas, educativas, culturais, artísticas e contemplativas em um ambiente saudável, convivência comunitária e com possível visitação turística, o que favorece, em princípio, a democratização de seus espaços. Distintas classes sociais, etárias e econômicas desfrutando de forma harmônica do mesmo espaço, o que pode, quem sabe, ampliar os elos sociais.

O Parque Farroupilha é uma importante referência em Porto Alegre, isto se comprovou tanto nas falas dos entrevistados quanto na vivência da pesquisadora observando esse espaço. Por ser uma área bastante ampla, com forte presença da natureza, por atrair uma grande quantidade e diversidade de pessoas, por oferecer diversas opções de infraestrutura e atividades que atraem os cidadãos para a prática de lazer, o Parque Farroupilha é um espaço que constitui e dá vida à cidade. Lugar de paragem e de encontro com o(s) outro(s) em meio à *urbe*.

O Parque Farroupilha, localizado na região central da cidade, é, portanto, representativo; de um lado, porque possibilita a presença da natureza no meio urbano; e, de outro, porque oferece diversas opções de atividades de lazer. Cabe destacar que a localização, facilitada pelo acesso por diferentes avenidas, possibilita que distintas comunidades dos diversos bairros, da cidade pesquisada, frequentem esse espaço.

Dentre as atividades praticadas pelos entrevistados e observadas na pesquisa de campo, realizada no parque, destacam-se: caminhada; alongamento; meditação; tomar chimarrão; tomar sol; observar a natureza; ler; jogar bola; fazer piquenique; sentar na grama; conversar com os amigos, familiares e outras pessoas presentes no parque; passear com o cachorro; namorar; crianças brincando no parque infantil; dentre outras. Além disso, as atividades artísticas e culturais também são apreciadas pelos frequentadores.

Investigar a apropriação cotidiana desse parque, por parte dos habitantes, possibilitou-nos estudá-lo sob a ótica das práticas de lazer e turismo cidadão influenciadas pelas características e atividades oferecidas aos seus frequentadores, tentando mostrar, assim, que são várias as formas de (res)significar a experiência na cidade. Assim sendo, as práticas de lazer e turismo cidadão devem estar em harmonia com o espaço urbano.

Ressalta-se, então, que o “olhar sobre as paisagens urbanas” é diferenciado para cada indivíduo, visto que as pessoas possuem experiências de vida e olhares diversos. A vivência e o conhecimento, por parte da comunidade, das paisagens da cidade habitada permitem a prática do turismo cidadão que, por sua vez, conduz os cidadãos a desfrutar da diversidade de

ambientes que ela proporciona, levando-os a (re)pensar, (re)ver e (re)avaliar as expressões locais (culturais, patrimoniais, de costumes e de arquitetura), o que ocasiona um resgate de afeto ao espaço urbano, assim as pessoas procuram minimizar os impactos nas paisagens locais, bem como desperta o princípio de que se trata de um bem comum.

O lazer como uma prática realizada individual e/ou coletivamente, em um tempo disponível, acarreta nos indivíduos a sensação de descanso, divertimento, prazer, satisfação, liberdade e paz, facilitando o contato com outras pessoas e até a vivência e a fruição do espaço envolvente. Logo, o lazer não é um fenômeno isolado, ele está inserido em diferentes contextos – históricos, culturais, políticos, educacionais, etc., - conforme os valores, significados, sentidos e saberes advindos de cada sujeito e a influência do meio no qual está inserido.

Como destacado, as peculiaridades do Parque Farroupilha o torna atrativo para os cidadãos fazendo com que eles desfrutem desses espaços de forma não rotineira para, na pele de turista-cidadão, vivenciar uma (re)aproximação, uma (re)apropriação de sua cidade. (Re)significar a experiência urbana é reatar os laços com os locais que nos envolvem e com as pessoas com as quais compartilhamos os espaços e as paisagens da cidade. Por fim, podemos pensar que, à medida que os cidadãos se apropriam dos espaços de suas cidades, aqui do parque urbano estudado, mais possibilidades terão de compreender sua cidade, de se sentirem incluídos em seu traçado.

REFERÊNCIAS

- Camargo, L. O. de L. (2003). *O que é lazer*. (2a. reimpr. da 3a. ed. de 1992). São Paulo: Brasiliense. (Coleção primeiros passos; 172).
- Dias, K. (2010). *Entre visão e invisão: paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]*. (1a. ed.). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Artes / VIS. Universidade de Brasília – UNB.
- Dumazedier, J. (1980). *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC.
- Dumazedier, J. (2004). *Lazer e cultura popular*. (3a. ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Gastal, S., & Moesch, M. M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph.
- Gomes, C. L. (2004a). Lazer – Concepções. In: Gomes, C. L. *Dicionário crítico do lazer*. (pp. 119-126). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Gomes, C. L. (2004b). Lazer – Ocorrência histórica. In: Gomes, C. L. *Dicionário crítico do lazer*. (pp. 133-141). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Gomes, C. L., & Elizalde, R. (2012). *Horizontes Latino-americanos do lazer = Horizontes latinoamericanos del ocio*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Gomes, C. L., & Pinto, L. (2009). O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. p. 67-121. In: Gomes, C. L.; Osório, E.; Pinto, L.; Elizalde, R. (orgs.). *Lazer na América Latina: tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica*. Editora: UFMG.

Howard, E. (1996). *Cidades-Jardins de amanhã*. Tradução: Lagonegro, M. A. Estudos Urbanos Série e Vida Urbana. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC: São Paulo.

Kliass, R. G. (1993). *Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade*. São Paulo: Pini.

Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

Marcellino, N. C. (2007). *Lazer e cultura*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea.

Mazzotti, A. J. A. (2001). O método nas ciências sociais. (2a. ed.). In: Mazzotti, A. J. A.; Gewandsznajder, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. Pioneira: Thomson Learning.

Menegat, R. (Coord.), Porto, M. L., Carraro, C. C., & Fernandes, L. A. D. (1998). *Atlas Ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

Moesch, M. M. (2012). Dimensão social. In: Beni, M. C. *Turismo Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão: Desenvolvimento Regional, Rede de Produção e Clusters*. (pp. 203-218). Ed: Manole.

Santos, M. (2009). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. (4a. ed., 5a. Reimpr.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Serpa, Â. (2007). *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto.

Triviños, A. N. S. (2011). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. (1a. ed.). São Paulo: ATLAS.

Werneck, C. (2000). *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG.